



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

Graça bailarina

Encontrei no Cedoc do jornal o que, para mim, é uma preciosidade: a primeira matéria que escrevi no **Correio**. A data é o longínquo 21 de outubro de 1980. Na noite anterior, eu havia participado de uma roda de debates com Oliveira Bastos, na época, editor-chefe do **Correio**, sobre o tema do jornalismo cultural. Discordei de algumas ideias dele e questionei. Ele tinha sido professor de latim, era

inteligentíssimo, culto, polêmico, explosivo, maquiavélico e debochado.

Ironizou e desdenhou. No auge da arrogância de 20 e poucos anos, repliquei com sarcasmo e travamos uma polêmica cheia de farpas para todos os lados. Não sabia que ele era amigo de Oswald de Andrade, de quem tinha sido secretário, de Glauber Rocha e de Antonio Houaiss e de tantos outros intelectuais importantes. E, de fato, escrevia como poucos na imprensa brasileira.

Para a minha estupefação, uns cinco minutos depois de nosso diálogo ríspido, Oliveira virou-se para mim e cochichou: “Francisco, amanhã, apareça na Redação

do **Correio**, porque quero que você trabalhe comigo!” Era tudo o que eu queria, pois estava desempregado. No outro dia, lá fui eu para a Redação do **Correio**.

Logo que cheguei, Oliveira me passou a primeira pauta: “Uma bailarina vai fazer uma performance na Rodoviária. Vê se me traz uma matéria boa!” Estávamos no processo de redemocratização, mas os fantasmas do período de exceção ainda permaneciam no ar. A personagem era Graça Bailarina de Jesus, uma empregada doméstica que perde a filha em um acidente de trabalho e o marido em uma briga com a amante. Ela quer ser bailarina e entra em estado de delírio na Rodoviária.

Graça enlouquece no meio dos palácios e acaba subindo aos céus, ressuscitando em eterno transe, enquanto vê as ondas do mar invadindo o planalto. O Cerrado virando mar, e o mar virando Cerrado. Sentada próximo a uma pilastra, ela se levanta insinuante como uma serpente que dança ao som de uma flauta indiana.

A bailarina Graziela Rodrigues encarnava Graça. “Não percam a vida desta mulher no Teatro Dulcina”, berra José Pereira, do Circo Panfletário. Graça parece que vai criar o Ministério dos Delírios. E gira, gira, bailando o seu sonho no chão da rodoviária. O clima fica tenso: “Graça viaja rodopiando entre as luzes de neon e o sonho:

“Vocês estão vendo aquelas luzes ali? São todas minhas! Se quiser apago tudo e não deixo vocês irem para casa”.

Olhos, algemas e cassetetes vigiam o delírio. É carnaval em outubro? Graça arrasta a multidão para o outro lado. Para no viaduto. Vai pular? “Que bagunça é esta? Estão perturbando a ordem no local”, esbraveja o policial e revista o fotógrafo como se ele fosse um terrorista atômico. Todos são levados para a delegacia, mas a aventura termina em risadas. O delegado acha engraçada a história e dispensa a todos. E eu também me diverti e garanti o emprego, pois Oliveira Bastos deu gargalhadas e gostou muito da matéria.

JUSTIÇA / Família de Rodrigo Castanheira, espancado até a morte por Pedro Turra, cobra responsabilização de todos os envolvidos no crime e organiza manifestação. Ex-piloto teve mais um pedido de liberdade negado, desta vez pelo STJ

“É uma dor imensurável”

» PAULO GONTIJO

Em meio ao andamento do processo contra o ex-piloto de Fórmula Delta Pedro Arthur Turra Basso, de 19 anos — que na quarta-feira teve mais um pedido de liberdade negado, desta vez, pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ) — a família da vítima, Rodrigo Castanheira, 16, vive o luto e cobra respostas das autoridades. Ao **Correio**, Rejane Fleury, mãe do adolescente, descreveu a dor da perda e a sensação de injustiça diante da condução do caso.

“Nossa família está profundamente consternada com a morte prematura de Rodrigo. A ausência dele, um jovem querido por todos, nos causa uma dor imensurável”, afirmou. Além do sofrimento, ela questiona o fato de outros envolvidos no episódio ainda não terem sido responsabilizados judicialmente.

“Observamos que os demais envolvidos permanecem em liberdade, sem que tenham sido formalmente acusados. Pedimos uma investigação completa, que esclareça o papel de cada pessoa e revele a verdade sobre o que aconteceu”, cobrou.

A mãe reforçou que o objetivo da família não é vingança, mas justiça. “Não buscamos ódio. Nossa única aspiração é que a justiça seja feita”, justificou ela, relatando os impactos profundos da perda na rotina familiar. “A saudade é constante. O silêncio tomou conta da casa e nossas vidas foram transformadas. É uma dor que não tem explicação.”

Prisão e protesto

A decisão de quarta-feira do STJ, assinada pelo ministro Messod Azulay Neto, mantém Pedro Turra preso enquanto responde pelo homicídio de Rodrigo Castanheira.

A defesa do ex-piloto questionou a legalidade da prisão preventiva, argumentando que a medida seria desproporcional e violaria garantias do devido processo legal. Ao analisar o caso, o ministro entendeu que não há irregularidades na decisão anterior e que a prisão segue justificada para garantir a ordem pública e o andamento da instrução criminal. Com isso, o acusado permanece detido.

Já a família de Rodrigo organiza uma manifestação amanhã,

às 9h, com concentração na Torre de TV, no Eixo Monumental. O ato seguirá em direção ao Ministério Público com o objetivo de cobrar um posicionamento sobre a ausência de denúncia contra outros envolvidos.

Segundo a mãe, um pedido formal foi enviado ao Ministério Público há cerca de 15 dias, sem retorno. Também foi solicitada uma reunião com o promotor responsável, o advogado e a família, que ainda não ocorreu.

A situação causa ainda mais indignação porque, inicialmente, todos os envolvidos haviam sido indiciados com base em indícios de coautoria e premeditação. A mudança de entendimento do promotor atual, que deixou de denunciar quatro dos cinco investigados, é vista pela família com perplexidade. “Acreditamos que a lei deve ser aplicada de forma igualitária. Essa mudança reforça nossa sensação de injustiça”, lamentou.

A Promotoria de Justiça do DF e a defesa de Pedro Turra foram procuradas pela reportagem, mas até o fechamento desta edição não haviam se manifestado.

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



“Pedimos uma investigação completa, que esclareça o papel de cada pessoa”, cobra a mãe do adolescente

Idoso atropelado por adolescente é sepultado

O aposentado José Brito dos Santos, de 63 anos, atropelado por uma menina de 12 anos, na quarta-feira, foi enterrado ontem. Inconformados, familiares dizem sentir um misto de sentimentos, entre revolta e tristeza. José Brito morreu na Avenida Comercial de São Sebastião, ao voltar de uma consulta médica de rotina. O percurso feito por ele no dia do acidente era de praxe, disse a cunhada Patrícia Rodrigues, 39 anos. No fim da manhã de quarta-feira, a adolescente retirava o carro do estacionamento



Darcianne Diogo/CB/D.A.Press

quando confundiu os pedais, acelerou e atropelou José. Ele morreu após 30 minutos de tentativa de reanimação por parte dos bombeiros. “Sabemos que, criminalmente,

não vai dar em nada. Era praticamente uma criança dirigindo, mas a ficha ainda não caiu. Por dentro, bate aquela revolta por perder o “Zeão”, afirmou a cunhada.

Obituario

Sepultamentos realizados em 27/03/2026

» Campo da Esperança

Amazília Carvalho de Almeida, 97 anos
Antônio Carlos Silveira, 71 anos
Arlinda Gomes de Oliveira, 83 anos
Clove Bento Bezerra, 81 anos
Creso Melo, 86 anos
Daniel Carlos Ferreira Lopes, 23 anos
Elia Julieta Schwelm Gonçalves, 76 anos
Fábio Xavier Lopes, 38 anos
Iraní de Araújo Cunha, 87 anos
Isabela Helena Karnikowski Reffatti, 79 anos
Jesus Jacomo Manzan, 84 anos
José Brito dos Santos, 62 anos
José Maria Antunes Tolentino, 84 anos
Maria Antônia Carvalho Buani, 73 anos
Maria Campos Bernardes, 82 anos
Maria Gomes da Cunha, 80 anos
Maria Madalena do Amaral, 90 anos
Renata Gomes Rodrigues, 34 anos

» Taguatinga

Afonsina Pinto de Araújo, 78 anos
Damiana Inácia Viana de Souza, 68 anos
Dannyllo de Andrade Amorim, 32 anos
Eliza Maria Almeida Barbosa, 79 anos
Giseli Silva Vieira, 17 anos
João Reis de Oliveira Lima, 65 anos
Manoel Luiz Borges, 91 anos

Maria Regina da Silva, 57 anos
Nilton Oliveira da Silva, 61 anos
Pedro José dos Santos, 71 anos
Vanda Alice Pimenta, 69 anos

» Gama

José Célio Conceição Pinheiro, 64 anos
Maria da Luz Silva dos Santos, 76 anos
Raimundo do Espírito Santo Fernandes, 75 anos
Raimundo Nonato Batista da Silva, 86 anos
Vanessa Ferreira da Silva, 25 anos

» Brazlândia

Expedito Araújo do Nascimento, 45 anos
Rosângela Maria de Jesus Dias Ferreira, 75 anos

» Planaltina

Belzair da Silva Neiva, 96 anos
Henderson Geraldo de Almeida Júnior, 32 anos
Marco Aurélio Ferreira da Silva, 55 anos
Wilma Cruvinel de Andrade, 73 anos

» Sobradinho

Gustavo José de Santana, 87 anos
Marilene Batista da Silva Rodrigues, 68 anos

» Jardim Metropolitano

Alice Emanuelle Araújo Sousa, 22 semanas
Wilder Fonseca Guimarães, 78 anos

Dr. Carlos Correia
Médico cirurgião,
coordenador do
Programa Opera DF

Dr. Gustavo Ribas
Médico oncologista,
coordenador do
Programa O Câncer
Não Espera e o GDF
também não

Saúde

Com os programas Opera DF e O Câncer Não Espera, é mais dignidade e redução no tempo de espera para quem precisa.

- **OperaDF** – redução de 44% na espera para cirurgias e 9.000 cirurgias realizadas (set/25 a mar/26). E para as cirurgias oftalmológicas, mais 9 hospitais foram credenciados e os pacientes já estão sendo chamados.
- **O Câncer Não Espera e o GDF também não** – redução de 81 para 17 dias para a primeira consulta e 24 dias para o início do tratamento.

MANTENHA O SEU CADASTRO ATUALIZADO